A criança do espelho



Transmissão da Psicanálise
diretor: Marco Antonio Coutinho Jorge

Françoise Dolto
J.-D. Nasio

A criança do espelho

Tradução:
André Telles

Revisão técnica:
Marco Antonio Coutinho Jorge
Prof. do Instituto de Psicanálise da Uerj

ZAHAR
Jorge Zahar Editor
Rio de Janeiro

Título original:
L'enfant du miroir

Tradução autorizada da terceira edição francesa,
publicada em 2002 por Payot & Rivages, de Paris, França

Copyright © 1987, Editions Rivages
Copyright © 1992, 2001, Editions Payot & Rivages

Copyright da edição brasileira © 2008:

Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Miriam Lerner

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Dolto, Françoise, 1908-1988
D694c A criança do espelho / Françoise Dolto, J.-D. Nasio; tradução André Telles; revisão técnica Marco Antonio Coutinho Jorge. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

(Transmissão da psicanálise)

Tradução de: L'enfant du miroir
ISBN 978-85-378-0049-2

1. Dolto, Françoise, 1908-1988 – Entrevistas. 2. Nasio, Juan-David – Entrevistas. 3. Psicanálise infantil. I. Título. II. Série.

CDD: 150.195
07-4393 CDU: 159.964.2

SUMÁRIO

A criança do espelho

Origem da palavra "imagem" 9

A estrutura da fobia e sua relação com a psicose 14

Confrontação de três teorias psicanalíticas da fobia:
Lacan, Melanie Klein e Dolto 15

O sermelancólico 16

Imagem do corpo, esquema corporal e intricação
pulsional: referência ao caso da menininha
"Pegue com sua boca demão" 17

O conceito de objeto transicional segundo Dolto 19

A morte súbita do bebê e a língua virada para trás 20

A imagem respiratória básica 22

As pulsões de morte e a função do somo 23

O que é um desenho de criança? Diferentes abordagens 25

O espelho: introdução. Debate Lacan / Dolto na Sociedade Psicanalítica de Paris (1949). Confrontação em três pontos das teorias de Lacan e Dolto sobre a função do espelho: a natureza do espelho – os dois termos opostos da experiência especular – a natureza do afeto 33

A imagem escópica e a imagem do corpo 35

O exemplo das crianças cegas de nascença 37

O caso da garotinha nos espelhos 41

As armadilhas e certezas do espelho 42

O caso dos irmãos gêmeos e sua identidade 44

A função do rosto. A revelação de um acontecimento originário 46

O caso de um esquizofrênico 48

O corpo do analista no tratamento. O sonho e a doença de Muriel Cahen 55

O enxerto de duas imagens do corpo: as do psicanalista e do analisando 58

O trabalho psicoterapêutico

As primícias, diagnóstico, indicação do tratamento 63

O primeiro contato com o psicoterapeuta: sua importância 65

As sessões de tratamento 77

Leia trechos do livro

A criança do espelho

Em 25 de janeiro de 1985, durante o seminário que estava oferecendo, J.-D. Nasio convidou Françoise Dolto para falar, diante de numerosa platéia, sobre seu livro *A imagem inconsciente do corpo* (Paris, Seuil, 1984 [ed. bras.: São Paulo, Perspectiva, 2001]).

(...)

Em suma, a distância entre as posições lacaniana e doltoniana pode resumir-se em uma diferença na maneira de conceber a natureza da superfície do espelho (plano ou psíquico); uma outra diferença na escolha dos pólos opostos da experiência especular (corpo real/imagem especular); e uma terceira diferença, enfim, na maneira de considerar o impacto afetivo do espelho.

Perdoem-me esse longo desenvolvimento introdutório, mas, sabendo o lugar que o livro de Dolto atribui ao espelho, impunha-se uma confrontação com a teoria lacaniana do estádio do espelho.

Dolto: Agradeço-lhe profundamente por essa evocação dos meus primórdios e por ter conseguido reunir de forma tão clara as numerosas questões de um problema difícil, o do espelho. Paradoxalmente, as crianças que mais me ensinaram o que é um espelho — e, além disso, o que é o narcisismo primário — foram justamente aquelas que não têm olhos para ver, isto é, as cegas de nascença. Essas crianças, que nunca experimentaram o efeito de uma imagem visível, conservam, porém, intacta uma rica imagem inconsciente do corpo. O rosto delas é de uma autenticidade tão comovente que dão a impressão de deixar transparecer a imagem do corpo que as habita.

O exemplo das crianças cegas de nascença

NASIO: A referência às crianças cegas é particularmente interessante porque levanta o problema da constituição da imagem inconsciente do corpo a despeito da ausência da prova do espelho.

DOLTO: Pode parecer curioso, mas eu não hesitaria em afirmar que a imagem do corpo nos cegos permanece inconsciente por muito mais tempo que naqueles que vêem. Os terapeutas que tratam distúrbios de caráter em crianças vítimas de cegueira congênita ouvem com freqüência o relato de histórias edipianas pontuadas por expressões referidas à visão. Os cegos sempre dizem: "Estou vendo." E me aconteceu de lhes perguntar: "Como pode ver se, justamente, você é cego?". E eles me respondem: "Digo *estou vendo* porque ouço todo mundo à minha volta falar dessa maneira." E eu lhes replico: "Todo mundo diz: 'Estou vendo', mas para significar que está compreendido." Essas crianças cegas são dotadas de uma sensibilidade notável. Quando, por exemplo, elas modelam uma escultura, as mãos da bonequinha representada ocupam um lugar preponderante. Ocorre-lhes traçar desenhos não sobre o papel, mas gravados na massa de modelar achatada. E elas obtêm assim, com a mesma maestria que as crianças que vêem, verdadeiras imagens do corpo projetadas em seus grafismos. Ora, em suas esculturas o tamanho das mãos é muito maior que nas modelagens das crianças que vêem, e a razão disso é muito clara: é com as mãos que as cegas vêem, é nas mãos que elas têm olhos. Vocês compreendem porque os desenhos são mais gravuras que traçados gráficos. É muito interessante analisar um a pessoa privada de um parâmetro sensorial, pois, enquanto sujeito de linguagem, ela teve de reorganizar a simbolização dos outros parâmetros. Nesse caso, o psicanalista se dá conta de que polariza sua escuta sobre o parâmetro sensorial ausente, ao passo que esse

mesmo parâmetro passa desapercebido nas circunstâncias corriqueiras da análise.

NASIO: Minha vontade era traduzir sua observação dizendo: se o cego tem os olhos apontados dedos, o psicanalista desse cego deveria ter os olhos no vazio de sua escuta. Mas voltemos, se não se importa, à experiência do espelho e retomemos as considerações a propósito da castração. Por que dizer que essa experiência é uma castração?

DOLTO: Porque é decididamente uma prova. Penso em uma criança que de repente vê surgir sua imagem refletida em um espelho em que ela não reparara até então — as crianças são sempre extremamente sensíveis ao impacto súbito de alguma coisa. Nesse momento, ela se aproxima alegremente do espelho e exclama todaconten te: "Um bebê!" Depois brinca, e acaba batendo a testa e não entendendo nada. Se a criança estiver sozinha no recinto, sem a companhia de alguém para lhe explicar que se trata apenas de uma imagem, ela fica aflita. É então que se dá a prova. Para que essa prova tenha um efeito simboligênico, é indispensável que o adulto presente nomeie o que está acontecendo. É verdade que muitas mães, nesse momento, cometem o erro de dizer à criança, apontando o espelho: "Está vendo, isso é você", quando seria muito simples e correto dizer: "Está vendo, isso é a *sua imagem* no espelho, assim como o que você vê ao lado é a *minha imagem* no espelho." Sem essa palavra essencial à simbolização, a criança certamente efetuará uma experiência escópica — constatando, por exemplo, que sua imagem desaparece quando ela não está mais na frente do espelho, e que reaparece quando ela volta para lá —, mas a experiência não deixará de ser, na ausência de resposta e de comunicação, uma experiência escópica dolorosa. É muito penoso para a criança se os

outros não estiverem no mesmo recinto que ela, na frente do espelho. O outro deve estar ali não apenas para falar com ela, mas para que a criança observe no espelho a imagem do adulto diferente da sua e descubra assim que é uma criança. Pois uma criança não sabe que é "uma criança e que é tem o tamanho e a parência de uma criança. Para saber, ela precisa olhar no espelho e constatar a diferença entre sua imagem e a do adulto. Quando, ao contrário, a mesma criança está com uma criança menor, ela sofre por perceber que sua identidade de criança não é mais estável. As crianças não gostam de estar em espelho com uma criança menor nem em comunhão de identidade. Esta, aliás, é uma das razões pelas quais a criança que começa a crescer derruba as menores. Acontece, por exemplo, de ela não se contentar mais em arrancar o brinquedo de uma menor, precisa também empurrá-la e fazê-la cair. Convém lhe explicar que, se ela derrubou seu colega de brincadeiras, foi para se certificar de que não se tornou idêntica a ele; de outra forma, perderia a sua identidade. Após a explicação do adulto, a criança está deslumbrada e não precisam mais empurrar ou trascrianças. Você vê o quanto essas trocas entre as crianças são determinadas pelo espelho, que contamina toda a realidade.

Nasio: Você qualifica a experiência do espelho como ferida, como furo simbólico, e assim a define: "Essa ferida irremediável da experiência do espelho pode ser chamada de furo simbólico, de onde decorre, para nós todos, a inadaptação da imagem do corpo e do esquema corporal" (p. 151). Ora, essa ferida determinada pela imagem escópica suscitaria na criança uma espécie de alerta permanente a fim de se certificar de que a imagem está bem ajustada ao olhar do seu ser na relação com os outros; e, em suma, a fim de defender sua identidade.

O caso da garotinha nos espelhos

DOLTO: Exatamente. A melhor ilustração é o caso da mesma garotinha de que falávamos, que perdera sua "boca de mão" e não conseguia deglutir bem. Essa criança saudável e maravilhosa tornara-se esquizofrênica aos dois anos e meio. Não tive oportunidade de vê-la por muito tempo, pois ela era filha de uma família americana de passagem por Paris por apenas dois meses. Enquanto seus pais visitavam a cidade, a criança ficava no quarto do hotel protegida por uma pessoa desconhecida que falava inglês, mas não o inglês americano. De modo que a menininha não tinha como interagir. Ora, as paredes do recinto estavam cobertas de espelhos e a maioria dos móveis era espelhada. No espaço desse quarto dos espelhos e sem companhia vigilante, ela se perdeu e despedaçou em fragmentos de corpos visíveis por toda parte. Além disso, a presença de um bebezinho que exigia os cuidados da babá o tempo todo deixava a criança ainda mais desamparada. De volta aos Estados Unidos, ela foi acompanhada em tratamento. Mais tarde, recebi uma carta da mãe dela com fotos soberbas da mesma criança tiradas dois meses antes da crise que a levou à consulta. Era terrível ver como a experiência do espelho dissociara e encarquilhara seu ser. E pensar que no início os pais estavam contentes, acredi-

tando que aqueles múltiplos pedaços de espelho a divertiriam... não perceberam que sua filha naufragava na loucura.

O trabalho psicoterapêutico

Este texto de Françoise Dolto, datado de 1959 e publicado nos *Cahiers de Psycho-pédagogie*, tem o duplo interesse de tratar de forma esclarecedora a atividade psicoterapêutica nos reformatórios e nos Centros Médicos Psicopedagógicos (CMPP) e reproduzir de maneira detalhada o conteúdo das sessões de tratamento de uma criança de oito anos.

(…)

As sessões de tratamento

(…)

O material que serve para a psicoterapia varia muito dependendo do psicoterapeuta — fantoches, cubos, miniaturas de objetos do cotidiano, modelagem, pintura, lápis de cor —, tendo como único objetivo liberar a verbalização dos afetos, permitir a expressão dos conflitos e das tensões da criança. Eu utilizo lápis de cor e modelagem. O terapeuta intervém o mínimo possível, e apenas para permitir a expressão mais acabada, e mais emocionada das dificuldades e dos conflitos da criança consigo mesma ou com aqueles que a cercam. A atitude permissiva de dizer tudo, de representar tudo, imitar, inventar (mas não de fazer tudo), essa atitude não-moralizadora do terapeuta é essencial, portanto completamente específica e diferente da atitude que devem ter pais e educadores. Estes últimos permanecem sendo a realidade social da criança e impõem-na a ela. As crianças fazem muito bem (como os adultos em tratamento psicanalítico) a diferença entre o trabalho psicoterápico e a realidade das relações humanas na vida social. Um exemplo nos fará compreender melhor essa diferença e como isso se dá em psicoterapia.

J.P., quase oito anos, vem me consultar em função de terrores noturnos, tiques (olhos fechados espasmodicamente) e alguns furtos com denegações mentirosas que beiram a mitomania.

Os primeiros furtos apareceram depois do nascimento de um irmão, F., cerca de três anos. A família diz, como sempre nesses casos, que as crianças se adoram e que o maior nunca foi ciumento; mas a data de surgimento dos problemas coincide com os meses que se seguem ao nascimento de F. e mostra que o que fez a criança adoecer foi precisamente essa supercompen-

sação pa ra as m an ifestações norm ais de ciúm e cuja ex pressão ela não tolerou. O tratamento trará rapidamente à tona, em pri m ei ro l ugar , os mecan ism os de d efesa qu e con firmam a h i-pótese d. a ori gem. Deci dim os por u m a sessão a cada 15 dias.

Na pri m ei ra, a cri an ça f al a m ui to de seu irmã o m eno r, com o está f eliz com ele, com o ele é engraçad o, com o é p reci so qu e a p si coterapeu ta o con heça e tc. Ao m esm o tem po q ue fal a, a cri an ça m odela um carri nh o, diz qu e seri a p ara o ir m ãozi nh o, conta como o faz brincar. Depois vemos ele colidindo o seu carro m odelado. Perg un to em qu e aq uil o o faz pensar, já q ue en qu an to iss o ele f ala do irm ãozi n ho. E le ri e diz:

— Um di a m eu i rm ão quebrou um bri nq uedo en quan to eu est av a n a escol a, um bri nqu edo qu e eu tinh a guar dado m uit o bem , m as cl aro que n inguém dá b ronca n ele. Ele é m uito pequeno.

— Muito pequ en o?

— É, tem qu atro ou cin co an os.

— E você, qu an do tinha qua tro ou ci nco a n os, será que qu ebrou alg um a coi sa do seu irmãozi nh o sem ser de propósito?

— Oh! com igo é d iferen te, sou gran de.

— Mas quando você tinha a idade que ele tem agora, há dois an os, você era g rand e ou p equ en o?

— Não sei , m as sei qu e n un ca se dev e brig ar com um m enor, foi ma m ãe q ue dis se e d epois pap ai, e d epois o prof essor, pron to ! (*A criança está no limite da tolerância das emoções afloradas.*)

— Sei que ch ateio v ocê, sou u m a ch ata...

Silêncio.

— Posso ir em bo ra? Acab ou ?

— Ainda temos dez minutos. Você pode ir se realmente acha qu e n ão conseg ue m ai s suportar um a p ess oa assi m . Mas pod e fazer um desen ho, já qu e o carro fi cou todo a m assado. (*E*

ambos, J.P. e a terapeuta, põem-se a rir.) — Então vou desenhar o irmãozinho do meu colega. O que é feio e também malvado com o irmão mais velho. Ora, não é com o meu, ele é legal. E depois seus pais, ele me disse, dão sempre razão a ele.

"E desenha um indivíduo que é eleridicularizacom grandes dentes, um grande cacetete e pés minúsculos; ele segura uma bola vermelha.